

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
EXEMPLOS DA XILOGRAVURA PAULISTA CONTEMPORÂNEA:
MARINGELLI, LOPEZ E PENNA

Autora: Soraia Lemos Silveira

Orientadora: Professora Dra. Helena Escobar da Silva Freddi

Resumo

Este artigo propõe comparar o trabalho xilográfico dos artistas Francisco Maringelli, Fabrício Lopez e Paulo Camillo Penna, que desenvolvem seu trabalho em São Paulo e que fazem do cenário urbano um de seus temas centrais. Os três artistas diferem entre si pela forma como usam a técnica e como tratam as cidades, apresentando estratégias visuais e poéticas distintas.

Palavras-chave: Gravura brasileira. Xilogravura. Técnica. Poética. Cidade.

Abstract

This article proposes to compare the woodcut works of Paulo Camillo Penna, Fabrício Lopez e Francisco Maringelli, who develop their works in São Paulo and use the urban landscapes as one of their main themes. The three artists differ in their use of the technique and how they approach their subject, exhibiting distinct visual strategies and narratives.

Key words: Brazilian printmaking. Woodcut. Technique. Narratives. City.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a xilogravura¹ paulista contemporânea que trata do ambiente urbano. A xilogravura é bastante presente na cultura brasileira e o artista contemporâneo cresce com a identificação de estratégias de outros artistas, ao compreender novas possibilidades técnicas e os efeitos que estas provocam na imagem. Por termos muitos xilogravadores atuantes em todo o país, percebemos a necessidade de fazer um recorte para a nossa pesquisa.

Escolhemos nos debruçar sobre o tema da representação do ambiente urbano. Para viabilizar nosso estudo, selecionamos artistas que atuassem próximo ou na cidade de São Paulo, para que pudéssemos consultá-los. Além disso, procuramos artistas que articulassem as técnicas xilográficas distintamente e que fossem reconhecidos, cujos currículos incluíssem exposições individuais e coletivas e que fossem representados por galerias.

¹ “As xilogravuras são feitas pela impressão (sobre papel ou algum outro suporte) de uma matriz entalhada em madeira.” (Costella, “Breve História da Xilogravura”, 2003)

Desta forma, selecionamos três artistas: Francisco Maringelli, que vive e trabalha em São Paulo, produz obras com temas variados, mas a cidade por vezes ocupa lugar de destaque. Em formato pequeno ou médio, cria imagens de ambientes urbanos intermediários entre a realidade e a imaginação; Fabrício Lopez, que vive e trabalha em Santos e São Paulo, pelo uso do grande formato, da cor e de sobreposição de impressões e Paulo Camillo Penna, que vive e trabalha em São Paulo, pois sua obra se coloca fisicamente no espaço urbano.

1. A XILOGRAVURA BRASILEIRA

A gravura chega tardiamente ao Brasil em 1808, com a Família Real. Foi utilizada na casa da moeda, na gravação de documentos e impressão de algumas histórias populares. Todo o conteúdo impresso dependia de autorização da Coroa, criando um mercado de gravuras comerciais (TÁVORA, 1988, p.44).

Os expressionistas europeus, que foram as principais influências que de fato impulsionaram a gravura artística no Brasil, valorizavam a xilogravura por ser “arcaica, artesanal, popular” e por permitir uma abordagem contundente da “crônica da vida cotidiana”. (ARGAN, 1992, 237-238) Este movimento passa a tratar a cidade como um tema político. Não só as estruturas físicas das cidades e a arquitetura são importantes, mas também as pessoas que nela habitam e as estruturas sociais que ali estão instaladas.

Durante o século XX a gravura passou para o domínio dos artistas, destacando-se Goeldi, Segall e Abramo, entre outros. Fundam-se ateliês de gravura e Clubes de Gravura não associados a instituições. Com pouca estrutura, prevalecem trabalhos em pequeno formato, relacionados com livros. O crescimento do número de gravuras em grande formato é relativamente recente, como afirma Mubarak:

"As primeiras experiências também fazem parte, imagino, da liberdade política que se começava a respirar então, já que estávamos há poucos anos da abertura que levou às eleições diretas, depois da Constituição de 1988. No início da década seguinte, xilogravura de grande formato são gravadas e impressas com endereço e destinos certos: o espaço da cidade." (p.15. 2019)

Aos poucos, a gravura invade as ruas e se torna mais uma das formas de expressão urbana

2. XILOGRAVURA PAULISTA

2.1. Francisco Maringelli (1959 - , São Paulo, SP)

Dentre os artistas que escolhemos analisar está o artista paulistano Francisco José Maringelli, que trabalha com desenho, pintura, escultura e gravura, sendo possível observar as influências recíprocas entre elas. As linhas gravadas, agitadas e fluidas, são relacionadas pelo próprio artista com a plasticidade da pintura que mantém o gesto do desenho e, da pintura em sua gravação.

Suas estampas referentes ao cenário urbano têm excesso de elementos e informações, que resulta em um cenário caótico e nada idealizado da cidade. O desenho é construído com aberturas de luz e resguardo das massas de preto de maneira certa para direcionar a atenção do observador ou propositalmente deixá-la difusa, como podemos observar nas figuras 1 e 2.

Figura 1 - S/ Título / xilogravura sobre papel / 66 x 87 cm



Fonte: <http://www.graphias.com.br/novo/galeria-virtual/s-titulo-38>

Figura 2 - S/título / xilogravura sobre papel / 86 x 66 cm



Fonte: <http://www.graphias.com.br/novo/galeria-virtual/s-titulo-40/>

Na figura 1 há uma série de acontecimentos simultâneos e desordenados, de um trecho de uma rua em seu cotidiano. O olhar se perde tentando identificar as pessoas, o mobiliário, as construções e os objetos em cena e a relação entre eles. Na figura 2, é possível distinguir cada elemento: uma figura em primeiro plano que se destaca de um fundo saturado por texturas até os dois terços inferiores da imagem e uma massa preta no terço superior. A primeira imagem é um exemplo de construção prolixa e a segunda mais direcionada.

É clara e bem documentada a influência do expressionismo alemão, mas o artista absorve a estrutura plástico-poética do movimento, atualizando-a à própria poética visual. (SAMYN, 2009; BAGOLIN, 2011; MARINGELLI, 2011; KOSSOVITCH, LAUDANNA, 2000.)

Em suas imagens urbanas há traços paulistanos reconhecíveis, mas percebemos claramente o distanciamento de qualquer tentativa de realismo. Traz uma visão crítica, com excesso de informação, transmitindo peso, aglomerações, confusão de elementos, provocando o espectador. Maringelli traça uma estratégia de distorção da realidade que, ao trabalhar a imagem, coloca-a em um estado de "sofisticada contradição", como bem explica Henrique

Marques-Samyn:

[...] até que se consume a criação de um outro mundo, um deformado símile deste em que habitamos; um mundo em que cada coisa tenha sido transformada até um ponto em que se tornou praticamente irreconhecível - não ao olhar, que é ainda capaz de reconhecer as semelhanças, mas à razão que se recusa a encontrar no grotesco uma legítima representação do real que o inspirou. (SAMYN, 2009)

2.2. Fabrício Lopez (1977 - , Santos, SP)

O artista reside e trabalha em Santos e transita entre pintura e gravura. Nas gravuras o uso da cor demonstra um pensamento pictórico sobre a imagem, ela mesma gerando uma estrutura. No entanto, quando presente, a imagem em preto se coloca à frente, ainda que sua impressão tenha ocorrido anteriormente às outras cores. Segundo Mubarac (p.33)², é uma produção que se aproxima de Goeldi, com cores dramáticas e que são elementos gráficos.

Seu trabalho mais conhecido foi a exposição “Valongo”, que ocorreu na Estação Pinacoteca de São Paulo em 2009. Valongo é um bairro de Santos e, como explica Lopes:

“Hoje, o Valongo representa o adubo mais fértil da cidade de Santos. É um lugar com uma força telúrica incrível, de frente para o Estuário e a Serra do Mar. Foi onde a cidade começou, e onde permaneceu por mais de século antes de expandir-se para outras áreas e junto à orla.” (ARAUJO, 2010, p.38)

O artista opta pelo grande formato de maneira não convencional, utilizando matrizes que podem seguir ordens variadas, criando novos trabalhos quando re combinadas as cores e a ordem de impressão, assim como retirando por meio de máscaras partes das gravações³. Exemplo disso são as obras “Estuário” (figura 3), “O rei do café” (figura 4) e “Jubarte” (figura 5), presentes em “Valongo” e reproduzidas aqui com permissão do autor. Cada imagem apresenta uma versão editada para facilitar a visualização das formas. Entre outras matrizes, podemos observar a figura do barco, que está presente nas três obras e que, apesar de estar na mesma posição, dependendo do uso da cor em cada estampa, a figura ganha ou não destaque.

Comentado [1]: Colocar a troca de e-mail em anexo

² MUBARAC, Claudio. Valongo: xilogravuras de Fabrício Lopez. In: ARAUJO, Marcelo Mattos (Apresentação); MUBARAC, Claudio (Curador). **Valongo**: xilogravuras de Fabrício Lopez.

³ Informação concedida pelo artista.

Figura 3 - Estuário / 2008-9 / xilogravura / 6 matrizes / impressão sobre papel Kozo / 220 x 480 cm.



Fonte: <https://www.fabriciolopez.com/about>



Figura 4 - O rei do café / 2008-9 / xilogravura / 6 matrizes / impressão sobre papel Kozo / 220 x 480 cm.



Fonte: <https://www.fabriciolopez.com/about>



Figura 5 - Jubarte / 2008-9 / xilogravura / 6 matrizes / impressão sobre papel Kozo / 220 x 480 cm.



Fonte: <https://www.fabriciolopez.com/about>



Nestas obras, vemos o uso de camadas que são distintas, mas que dialogam entre si. Assim, ainda que haja uma certa independência entre as figuras, a composição apresenta unicidade. Além disso, O grande formato cria outra relação entre a obra e o observador, que ao se aproximar da xilogravura exposta no ambiente de uma mostra, acaba se inserindo no espaço da imagem.

2.3. Paulo Penna (1970 - , São Paulo, SP)

Paulo Camillo Penna é outro artista que faz obras em grande formato. No entanto, no caso de trabalhos como “Pélago” e “Tamanduateí”, o efeito da dimensão da xilogravura é bastante distinto das obras de Fabrício. As imagens de Penna são colocadas no espaço urbano, misturando-se com o ambiente e modificando a experiência dos transeuntes.

É também importante ressaltar que ao expor na cidade, seja lá qual for a linguagem utilizada, a obra fica exposta aos efeitos do ambiente em que está inserida: degradação pelo tempo, chuva, fuligem, além das possíveis intervenções feitas por pichadores e grafiteiros, por exemplo. Dessa forma, as imagens ficam em constante mudança e desaparecem com o tempo, como exemplificado nas figuras 8 - 11.

Figura 8 - “Pélago” em 2009



Figura 9 - “Pélago” em 2009



Figura 10 - “Pélago” em 2016



Figura 11 - “Pélago” em 2016



Fonte: <http://paulocamillopenna.blogspot.com>

Penna não replica a cidade sobre a cidade, mas cria um diálogo com o local. O artista apresenta figuras humanas, de animais e de plantas, abrindo caminho para interpretações sobre o convívio do homem com a natureza um tanto disfuncional, lembrando aquilo que existia antes onde agora vemos construções e concreto.

É interessante observar a interação fortíssima entre a linguagem da xilogravura e a do

desenho. Penna escreve sobre o assunto, referindo-se a outro trabalho em que há desenhos de figuras humanas, mas é possível aqui entender melhor a sua visão sobre a intersecção que existe entre as duas linguagens:

“(...) Desenho, gravação e impressão se articulam em torno das ações de delinear, traçar, cortar e imprimir. As marcas, traços, luzes e delineamentos são sinais visíveis de um desenho mental que mobiliza um imaginário que irrompe neste processo, operando presentificações, reiteraões, fantasias, hibridizações, e metamorfoses entre as figuras.” (PENNA, 2014)⁴

Penna não desenha e depois grava. Sua goiva funciona como um lápis, direto do desenho mental para a gravura, como podemos observar na figura 12.

Figura 12 - Paulo Camillo Penna / Tamanduateí / 2011 / Colagem com xilogravura e tipografia / Projeto de arte pública / Dimensões variáveis



Fonte: <http://www.acasatelie.com.br/paulo-camillo-penna/obra/00022>.

Seu trabalho também remete ao de Evandro Carlos Jardim nas observações da cidade. Ambos abordam a cidade com gentileza, mesmo nas suas apresentações mais cruas, pois é uma relação de afeto. No entanto, seu trabalho não é pra embelezar o espaço: é uma obra feita para

⁴ Disponível em: <http://paulocamillopenna.blogspot.com/2014/02/figuras-2013-2014.html> Acesso em: 04/08/2019

que o espectador o repense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos separadamente certas obras destes artistas, podemos agora comentar alguns de seus pontos em comum e de suas diferenças.

Uma primeira questão que merece destaque é a ligação entre desenho e gravura que podemos encontrar tanto no trabalho de Maringelli quanto de Penna. Isto não acontece da mesma maneira; aliás, parece que acontece de forma oposta. Enquanto Maringelli desenha sobre a matriz, preservando na gravação as marcas do desenho, Penna, ao desenhar diretamente com a goiva, traça a luz. Assim, o primeiro cria aberturas de luz entre as linhas do desenho, mas Penna as tornam as próprias linhas.

Outra ponto importante é o uso do grande formato entre Lopez e Penna. Por exporem estampas em ambientes diferentes, o efeito que a dimensão causa é distinto. Quando o trabalho de Lopez é instalado dentro de uma mostra, que é um local criado para recebê-lo, o campo de visão do visitante é consumido pela obra. Quando as obras são instaladas na rua, como é o caso de Penna, a distância entre as imagens e o observador pode ser muito maior e o espaço, hostil e utilizado para outros fins que não a arte, compete com a obra. Em Penna, não é o observador que invade o espaço da obra, mas a obra que invade o espaço do observador.

Por fim, a visão de Fabrício, onírica e romântica, contrasta com Penna e Maringelli. Neste sentido, seus temas o aproximam da poética das xilogravuras de Abramo, especificamente da série Paraguay (ARAÚJO, 2006), enquanto os outros dois remetem à obra de Goeldi. O uso do corte da ferramenta em Penna assemelha-se ao de Goeldi assim como a dramaticidade das cenas urbanas de Maringelli, do qual também pode ser observado a influência de Segall no comportamento gráfico de delinear as figuras com linhas mais volumosas. Plasticamente, podemos afirmar que Fabrício apresenta influência de Goeldi no uso da cor como elemento gráfico. Penna, por outro lado, faz alusão a Abramo, ao deixar evidente a marca da retirada da matéria nas áreas de branco da composição xilográfica. Porém, podemos afirmar que cada artista trabalha as influências à sua maneira, para construir uma linguagem xilográfica própria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Marcelo Mattos (Apresentação); MUBARAC, Claudio (Curador). **Valongo:** xilogravuras de Fabrício Lopez. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. 72 p., il., color, 28 cm. ISBN 978-85-99117-28-6.

ARAÚJO, Olívio Tavares de. **A gravura de Lívio Abramo**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2006. 176 p.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos**. Tradução de Denise Bottman e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. ISBN 85-7164-251-6

BAGOLIN, Luiz Armando; MARINGELLI, Francisco. **Francisco Maringelli**. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2011. 216 p. ISBN 9788531412479

COSTELLA, Antonio Fernando. **Breve história da xilogravura**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 72 p. ISBN: 85-85681-27-6

GEIGER, Anna Bella et al. **Gravura brasileira hoje: Depoimentos - III volume**. Rio de Janeiro: SESC/ARRJ, 1995. v. 3. 191 p., 28 cm. (III). ISBN 85-85791-04-7.

HERSKOVITS, Anico. **Xilogravura: Arte e Técnica**. 2a Edição. Editora Pomar, 2006. 160 p. ISBN 859935406X

IVINS JR., W. M. **Imagem impressa y conocimiento: análisis de la imagen prefotográfica**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975. (Comunicación visual). ISBN 8425208653.

KOSSOVITCH, Leon e LAUDANNA, Mayra. **A Cidade**. In: GRAVURA: arte brasileira do século XX. São Paulo : Itaú Cultural : Cosac & Naify, 2000. p. 33-34.

KOSSOVITCH, Leon; LAUDANNA, Mayra; RESENDE, Ricardo (Texto); RIBENBOIM, Ricardo (Apresentação). **Gravura: arte brasileira do século XX**. São Paulo: Cosac Naify, 2000. 270 p., il., color., 29 cm. ISBN 85-7503-034-5

MUBARAC, Cláudio. **Xilo Corpo e Paisagem**. São Paulo, 2019

PENNA, Paulo Camillo. **Figuras 2013-2014**. Disponível em: <http://paulocamillopenna.blogspot.com/search/label/Figuras>. Acesso em: 04/08/2019

SAMYN, H. M. . **Analítica do grotesco**. Revista Speculum, 15 fev. 2009. Disponível em: <http://www.gravurabrasileira.com/artistas-detalhes.asp?tipo=txt&id=22&artistaId=80&lang=pt> Acesso em: 15/05/2019.

TAVORA, Maria Luisa Luz . **A gravura brasileira-anos 50/60- como movimento: gênese de um mito**. Gávea (Rio de Janeiro) , Rio de Janeiro, v. 5, p. 43-56, 1988.

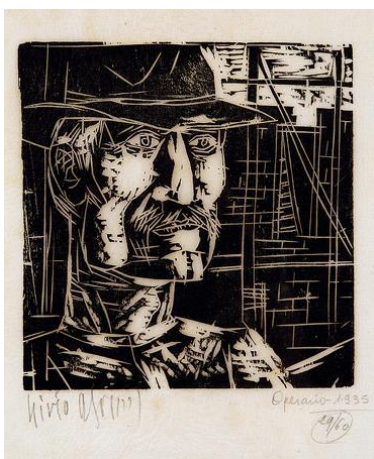
ANEXOS

Tarde / Oswaldo Goeldi / Xilogravura sobre papel



Fonte: Acervo Museu Lasar Segall

Operário / Lívio Abramo / xilogravura sobre papel / 19 cm x 19 cm



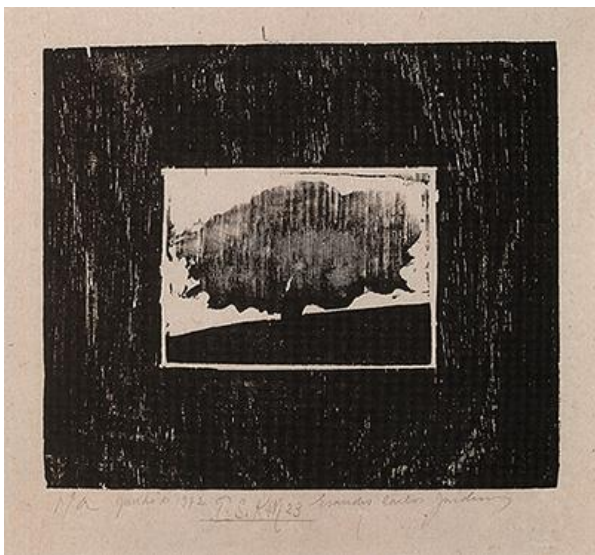
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

Casa do Mangue / Lasar Segall / Xilogravura sobre papel / 31,5 cm x 42 cm



Fonte: Acervo Museu Lasar Segall

I.S. Km 23 / Evandro Carlos Jardim / Xilogravura sobre papel



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural